

**ARTUR XEXÉO  
MAURICIO STYCKER**

**intrínseca**

**GILBERTO  
BRAGIA**

**O BALZAC DA GLOBO**

Vida e obra do autor que revolucionou as novelas brasileiras



**ARTUR XEXÉO  
MAURICIO STYCKER**

**GILBERTO  
BRAGA**

**O BALZAC DA GLOBO**

Vida e obra do autor que  
revolucionou as novelas brasileiras



“Detesto quando jornalista insinua que escrevo alguma coisa para ter audiência. É claro que escrevo, sou pago para isso. Mas falam como se fosse pecado.”

“Desculpe. Eu não sou um autor. Sou simplesmente um escritor de folhetins.”

— **GILBERTO BRAGA**

“Gilberto tem um dom muito especial para telenovela. Ele acredita piamente. Não faz só para ganhar dinheiro, embora ele diga sempre que é o que o motiva. Ele faz por paixão e o resultado está aí. As novelas do Gilberto são as mais bem-feitas e as mais bem escritas desde que ele começou nesta guerrinha nossa.”

— **LAURO CÉSAR MUNIZ**

# SUMÁRIO

*Nota sobre a dupla autoria* 8

*Abertura* Camélias no quilombo e na televisão 11

*Primeira fase*

Gilberto Tumscitz

1. Tragédia em Santo Cristo 20
2. Um bamba de Vila Isabel 25
3. Lições para a vida num “poeira” da Tijuca 28
4. Na Kombi da professora do Pedro II 38
5. Infarto em Pirapetinga 47
6. Paixão no Rio, decepção na Europa 56
7. O cinéfilo que virou crítico de teatro 63
8. Gilberto *versus* Martim 68
9. Crueldade com Fernanda Montenegro 81
10. 1972, o ano em que tudo aconteceu 90

*Segunda fase*

Gilberto Braga

11. A pessoa certa na hora certa 96
12. Aulas com Lauro César Muniz e Janete Clair 106
13. Reverência a Machado e Alencar 113
14. “Mais Janete do que ela mesma” 118
15. *Isaura*, o sucesso que Gilberto não entende 121
16. Vida a dois, mas em quartos separados 128
17. Dona Xepa, a feirante que abriu portas 133
18. Abra suas asas, solte suas feras 139
19. Pedido de Boni: “Me escreve só mais uma novela” 150
20. Entrando na casa dos ricos 153
21. Proibido dizer que um personagem é gay 162

22. O mito do Gilberto alienado politicamente 170
23. “Janete Clair já tem uma. Eu quero Gilberto Braga” 173
24. *Corpo a corpo*: diabos e racismo no horário nobre 177
25. De Guaratinguetá a Paris 183
26. Anos de moralismo e preconceito 189
27. Brasil! Mostra tua cara! 196
28. “Oh, Basílio!” 206
29. Colocando a mão no texto de colegas 210
30. *O dono do mundo*: uma ousadia que custou caro 215
31. Anos rebeldes na tela e nas ruas 223
32. Os filmes e peças que (não) escreveu 230
33. *Pátria minha*, uma novela no primeiro caderno do jornal 234
34. A “Disneylândia do bom gosto” no Arpoador 242
35. *Labirinto* e o fim da “era Boni” 247
36. O anfitrião impecável 251
37. “Fui rebaixado sem ser humilhado” 255
38. O Balzac da Globo 260
39. Gilberto Braga parou o país outra vez 266
40. A cachorra que desbancou a mocinha em *Paraíso tropical* 273
41. Com um pé na Academia Brasileira de Letras 281
42. *Insensato coração*, “a nova novela das nove” 286
43. Saúde delicada 294
44. Um casal moderníssimo 297
45. *Babilônia*: antecipando a onda conservadora 302
46. Duas novelas e uma minissérie na gaveta 312
47. Último capítulo 315

*Obras de Gilberto Braga* 323

*10 filmes preferidos* 325

*10 cantores preferidos* 326

*Melhores trilhas sonoras* 326

*Agradecimentos* 327

*Fontes e referências* 329

*Livros consultados* 331

*Índice onomástico* 334

## NOTA SOBRE A DUPLA AUTORIA

Entre junho e setembro de 2019, Artur Xexéo entrevistou Gilberto Braga em pelo menos doze ocasiões. Os encontros ocorreram sempre aos domingos, pontualmente às 17 horas, no apartamento do novelista, no Arpoador. Ao final da última entrevista, o jornalista disse que estava satisfeito com o que considerava ser uma primeira etapa do trabalho. “Queria interromper as nossas conversas e voltar depois”, disse Xexéo a Gilberto. O passo seguinte, explicou, seria colher depoimentos das pessoas que passaram pela vida do autor.

Foi o que Xexéo fez até meados de 2021. Mesmo atrapalhado pela pandemia de coronavírus, entrevistou duas dezenas de pessoas, entre parentes, amigos e profissionais que conviveram com Gilberto Braga. Também fez pesquisas detalhadas sobre vários aspectos da trajetória do seu biografado. O trabalho, porém, foi interrompido abruptamente em junho de 2021. Naquele mês, Xexéo foi diagnosticado com um linfoma não Hodgkin de células T. Internado na Clínica São Vicente, fez uma primeira sessão de quimioterapia no dia 24 e passou mal. No dia seguinte, sofreu uma parada cardiorrespiratória, logo revertida. No domingo, 27, faleceu. Tinha 69 anos.

Três semanas depois, no domingo 18 de julho, por volta das 18 horas, Gilberto Braga me telefonou. Com a voz inconfundível, mas um pouco apressado, me contou que Xexéo estava escrevendo a biografia dele, Gilberto, e que o projeto estava bem adiantado. Sem mais delongas, me convidou para prosseguir com o livro. Respondi que adoraria fazer o trabalho, mas que gostaria primeiro de ver o material já existente. Telefonei em seguida para Paulo Severo, com quem Xexéo foi casado por trinta anos. Eu e Paulo conversamos longamente, relembando histórias de Xexéo, até que ele revelou ter sugerido a Gilberto que me convidasse. Na visão de Paulo, eu era um jornalista com quem Xexéo gostava de conversar, trocar figurinhas sobre televisão, e seria capaz de concluir o trabalho.

Algumas semanas depois, após reunir tudo o que pôde localizar, Paulo me enviou uma pasta por e-mail. Ouvi primeiramente as

gravações com Gilberto e passei os olhos pelos cerca de cinquenta arquivos de texto produzidos por Xexéo, incluindo as entrevistas, inúmeras observações soltas, alguns esboços e um capítulo inteiramente escrito (“Gilberto *versus* Martim”). Eu me senti seguro para aceitar a tarefa. Concluir o livro seria também uma forma de homenagear um jornalista que é uma referência para mim.

Em 2 de setembro, finalmente, ocorreu uma primeira reunião, on-line, com Gilberto, na presença dos editores da Intrínseca. Lembro que uma das primeiras observações do novelista foi que o livro seria uma homenagem também a Xexéo, exatamente o mesmo que eu estava pensando. Descrevi na reunião o que Xexéo já havia feito, mencionei a existência de um arquivo com uma lista de “tarefas não cumpridas” e trocamos ideias sobre o que eu pretendia fazer.

Nos dois meses seguintes, fui me inteirando do material, enquanto a editora tratava de solucionar questões burocráticas relacionadas ao novo contrato. Duas ou três vezes, Gilberto me telefonou para checar ou confirmar detalhes citados na reunião. Não tive tempo, porém, de entrevistá-lo e esclarecer dúvidas que encontrei. No dia 26 de outubro de 2021, exatos quatro meses após a partida de Xexéo, chegou a triste notícia da morte de Gilberto.

Segui em frente. Para esclarecer dúvidas, procurei algumas fontes que já haviam dado entrevista para o livro. Cada descoberta me levava a outras, como uma fita banana, diria Xexéo. Acabei ouvindo cerca de cinquenta pessoas que me trouxeram informações relevantes. Tive acesso a textos inéditos, escritos por Gilberto. Pesquisei no seu acervo de recortes. Abusei da paciência de algumas fontes, às quais sou eternamente grato.

Faço este relato por entender que as circunstâncias que cercam a realização deste livro fogem ao comum. Passei alguns meses buscando, no material coletado por Xexéo, dicas e sinais sobre como ele gostaria que esta biografia fosse desenvolvida. Encontrei pistas significativas em várias passagens das entrevistas. São momentos em que elas assumem um tom de conversa e Xexéo faz observações pessoais sobre Gilberto e seu trabalho. Procurei registrar, sempre que possível, a autoria desses comentários. Os esforços feitos por Xexéo na pesquisa de determinados assuntos, e o menor interesse por outros,



também me sugeriram alguns caminhos. Naturalmente, todas as decisões tomadas, e os eventuais erros cometidos, são de minha inteira responsabilidade.

Xexéo considerava Gilberto o principal autor de telenovelas do país. “Ele é o melhor, não tenho dúvida disso”, disse. “Quem fazia novela na época dele na Globo? Além da Janete Clair, grandes dramaturgos: Lauro César Muniz, Bráulio Pedroso, Dias Gomes, Jorge Andrade. Ele consegue se inserir nesse meio. Hoje é mais fácil ser medíocre. No tempo em que ele fez não dava para ser medíocre.” Como coautor, compartilho essa visão, e este livro demonstrará o porquê.

— MAURICIO STYCER

## ABERTURA

# CAMÉLIAS NO QUILOMBO E NA TELEVISÃO

Agosto de 1972. Piscina do Clube Campestre, no Alto Leblon. Dia de sol. Como já havia feito em outros domingos, Gilberto Tumscitz vai tentar relaxar à beira da piscina do clube após uma semana de muito trabalho. Está acompanhado da amiga e atriz Amiris Veronese, mulher do crítico de cinema Antonio Moniz Vianna, e dos três filhos do casal. Aos 26 anos, Gilberto é um querido professor de francês na Aliança Francesa e um conhecido crítico de teatro no jornal *O Globo*, mas está insatisfeito com ambas as ocupações. Nessa altura, ele parece ter muita clareza sobre o que não quer fazer da vida, mas ainda não descobriu o quê, de fato, deseja.

Gilberto buscava encontrar uma profissão que o remunerasse bem. Respondendo a um teste vocacional alguns meses antes, disse que o bem-estar material era mais importante do que a realização profissional. Não enxergava futuro algum como professor: “Não gratifica ninguém, nem monetária nem intelectualmente.” Nem como crítico: “Eu mal conseguiria sobreviver como crítico teatral; ninguém o faz.” E muito menos como repórter (foi colaborador nas revistas *Manchete* e *Fatos & Fotos*): “O dinheiro vem todo pingado, os Bloch pagam atrasado; o ambiente me parece de total insegurança e insatisfação.” Também já havia descartado definitivamente a possibilidade de ser diplomata: “Estou convicto de que a diplomacia nada tem a ver comigo.” E preocupava-se por não possuir um diploma de curso superior: “Não quero ter de preencher questionário, chegar na hora do ‘grau de instrução’ e escrever ‘secundário’. Vou fazer o quê?” Almejava, no fundo, o que todo mundo deseja: “Eu quero desesperadamente ser feliz.”

A sede do Campestre, na qual Gilberto passou aquele domingo, foi construída onde ficava, um século antes, a casa principal do Quilombo do Leblon, um refúgio de ex-escravizados. O quilombo havia sido instalado num terreno pertencente a um abolicionista, o comerciante português José de Seixas Magalhães. Ele fazia parte da Confederação Abolicionista brasileira, uma organização política criada em 1883, com o objetivo de pressionar o governo a colocar um fim na escravidão. No Quilombo do Leblon, escravizados fugidos cultivavam camélias, a flor que se tornou símbolo do movimento abolicionista. Camélias apareciam nos vestidos de senhoras da Corte, incluindo a própria princesa Isabel, em ramalhetes que eram dados de presente e também enfeitavam os jardins das casas, para identificar seus donos como abolicionistas.

É difícil saber o quanto Gilberto conhecia dessa história do clube. Ele nunca falou nada a respeito. Naquele domingo, quem também estava no Campestre era Daniel Filho. Desde o fim de 1969, quando a Globo se livrou da autora cubana Glória Magadan, Daniel era responsável por toda a área de teledramaturgia da emissora. Em agosto de 1972, já era possível notar alguns efeitos do arejamento que ele estava promovendo, com novelas de temática contemporânea, novos autores e novos formatos. Daniel aproveitava a manhã de sol e descanso em companhia da então mulher, Dorinha Duval, e da filha Carla. O executivo tinha uma turma de amigos atores que frequentava o clube, formada por Carlos Vereza, Renata Sorrah, Jardel Filho, Carlos Eduardo Dolabella e Cláudio Cavalcanti.

A distância, Gilberto avistou Daniel perto da piscina, que tem um formato circular. Eles se conheciam superficialmente, “de bom dia, boa tarde, boa noite”, como diria o romancista anos depois. “Gilberto era muito tímido, profundamente tímido, reservado. Eu sabia quem ele era por causa das matérias boas que ele fazia para a *Manchete*”, disse Daniel. Gilberto tinha ouvido falar que os “casos especiais” que a Globo vinha exibindo desde o ano anterior pagavam bem aos autores. Ele também havia recentemente assistido na Globo a um teleteatro com Paulo Gracindo, seu amigo, num texto adaptado por Domingos Oliveira intitulado *O grande negócio*. E disse para si mesmo: “Poderia estar escrevendo um negócio desses.”

Uma cinebiografia de Gilberto poderia começar com a seguinte cena à beira da piscina do Campestre. Uma imagem aérea mostra Gilberto caminhando em direção a Daniel. A piscina está cheia de gente, crianças brincam, casais namoram, aquela balbúrdia de clube num domingo de sol. A música ao fundo da cena poderia ser “What a Wonderful World”, interpretada por Louis Armstrong. Está perto de ocorrer um instante decisivo, um momento de virada, uma conversa que vai transformar uma vida. Ouvindo os relatos que Gilberto e Daniel Filho fizeram, separadamente, é possível reconstituir a principal parte do diálogo. Quando estão perto o suficiente um do outro, uma câmera no chão registra: “Desculpe te incomodar, Daniel. Meu nome é Gilberto.” Daniel responde: “Eu sei quem é você. A gente se conhece.” Conversam amenidades muito brevemente, até que Gilberto fala do projeto de casos especiais e pergunta: “Como eu posso tentar escrever um?” E Daniel, simpaticamente, orienta-o: “Você vai procurar o Domingos Oliveira, que é o responsável. Diga que eu mandei procurá-lo.” Sobe o som.

Dias depois do encontro com Daniel no Campestre, Gilberto foi, então, conversar com o responsável pelos casos especiais, que ele já conhecia por causa do trabalho como crítico de teatro. Ator, dramaturgo, roteirista e cineasta, Domingos Oliveira o recebeu gentilmente, explicou por alto qual era a ideia do projeto e propôs a Gilberto escrever a adaptação de um clássico. Qual? “Me apresente uma lista de sugestões”, cobrou. O candidato a roteirista pediu para pensar um pouco e foi para casa. Naquele mesmo dia, tinha um encontro com Edgar Moura Brasil, com quem estava namorando havia pouco mais de um mês. Foi Edgar que, ouvindo Gilberto citar títulos para a lista pedida por Domingos, sugeriu *A Dama das Camélias*. Uma curiosa coincidência. Porque, assim como essas flores são importantes no romance de Alexandre Dumas, filho (Marie Duplessis, a cortesã que inspirou o escritor, gostava delas para enfeitar a sua casa), as camélias marcaram a história do Quilombo do Leblon, onde hoje é o Campestre.

Gilberto incluiu a peça indicada por Edgar na lista de sugestões que entregou a Domingos. “Apresentei umas vinte e ele escolheu justamente *A Dama das Camélias*.” O problema é que Gilberto pensou

numa adaptação convencional da peça, mas Domingos tinha outros planos: “Quero atual.” Em resumo, ele precisaria pegar a história ambientada em 1848, em Paris, e trazê-la para os anos 1970, no Rio de Janeiro. De contornos autobiográficos, a obra conta a história do romance entre Marguerite Gautier, a mais cobiçada cortesã parisiense, e Armand Duval, um jovem estudante de direito. Gilberto topou a parada. Achou difícil, mas escreveu. Inspirou-se em mulheres que conhecia da sociedade carioca, uma em particular, e pediu a Domingos cópias de outros roteiros de casos especiais para ver como eram estruturados. Nunca havia escrito um roteiro na vida. Como era um grande leitor de peças de teatro, foi fazendo na intuição. O diretor dos casos especiais aprovou a primeira versão que Gilberto entregou, mas disse que havia problemas na estrutura e no texto e seria necessário passar o material pela mão de um roteirista experiente.

Para sorte de Gilberto, Oduvaldo Vianna Filho tinha acabado de ser contratado pela Globo. E a sua primeira tarefa foi cobrir as férias de Domingos Oliveira. Vianna gostava de Gilberto, que adorava, por sua vez, o teatro do dramaturgo. O parecer sobre o roteiro de *A Dama das Camélias* não foi dos melhores. Vianna identificou uma série de defeitos na estrutura, cometidos, compreensivelmente, por uma pessoa que nunca havia escrito para a televisão. “Mas a personagem feminina é muito boa; o masculino tem que melhorar.” Gilberto não tinha como saber, mas nas décadas seguintes ouviria pareceres semelhantes sobre várias novelas suas. Generoso, Vianna disse que poderia resolver o problema sozinho, em um dia de trabalho, mas perguntou a Gilberto se ele não gostaria de ir à sua casa e acompanhar o processo de reescrita. Gilberto, claro, topou. Foi uma aula. O programa ganhou o seguinte crédito: “Escrito por Gilberto Tumscitz, adaptado para a televisão por Oduvaldo Vianna Filho.” Gilberto ainda não sabia, mas havia, finalmente, descoberto a sua vocação. Mas a reação na época foi outra. Fazendo gênero, como ocorreria em diversas outras situações, provocou: “Quando aprovaram e me pagaram, fiquei feliz. Como é até hoje: eu quero o dinheiro.”

Em meados de outubro, *A Dama das Camélias* entrou em produção na Globo. Originalmente, a estreia estava prevista para o início de 1973. Contudo, um imprevisto chamado Chacrinha mudou todos

os planos da emissora. O Velho Guerreiro era um dos campeões de audiência da Globo naqueles dias. Apresentava dois programas, *Buzina do Chacrinha*, aos domingos, e a *Discoteca do Chacrinha*, às quartas-feiras. No dia 3 de dezembro, um domingo, o programa havia estourado o tempo programado, mas seguiu no ar, ao vivo, como se nada tivesse acontecido. Para irritação de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, não era a primeira vez que isso acontecia. A novidade é que o então chefe da TV Globo foi aos bastidores exigir o imediato encerramento da *Buzina*, mas o apresentador ignorou a ordem. Até que Boni mandou tirar a atração do ar. Quando se deu conta do que acontecia, Chacrinha, exaltado, quebrou o seu camarim e avisou a Boni que não voltaria mais à TV Globo. E cumpriu a promessa.\* Na quarta-feira, dia 6, não apareceu para apresentar a *Discoteca do Chacrinha*, sendo substituído por Agildo Ribeiro, fantasiado como Velho Guerreiro. No domingo, dia 10, a Globo chegou a anunciar a *Buzina do Chacrinha*, mas não houve programa e a emissora exibiu trechos antigos.

Chacrinha logo se acertou com a TV Tupi. E o canal dos Diários Associados, rápido no gatilho, anunciou já para o dia 13 de dezembro, uma quarta-feira, a estreia do novo contratado. A Globo chegou a tentar embargar o lançamento na Justiça, mas não conseguiu. Contra o Velho Guerreiro, naquele dia, a emissora carioca veio com sua programação normal, que incluía a novela *Selva de pedra* seguida de um filme, e viu a audiência cair significativamente após o final do capítulo. Na quarta seguinte, dia 20, a Globo enfrentou a *Discoteca do Chacrinha* exibindo um capítulo da trama de Janete Clair com uma hora e meia de duração.

“Bateu um desespero”, conta Daniel Filho. Numa reunião de cúpula, com a presença de Walter Clark, o principal executivo, Boni, o número 2, o assistente Borjalo (Mauro Borja Lopes) e Daniel, várias ideias foram sugeridas para enfrentar Chacrinha na Tupi. “E se a gente contratasse o Frank Sinatra?”, propôs Clark, um pouco megalomaniaco. Daniel sabia que *A Dama das Camélias* já havia sido gravado

\* Chacrinha voltaria à Globo em 1982, com o *Cassino do Chacrinha*, programa de auditório que ficou no ar até a sua morte, em 1988.

e sugeriu arriscar. O caso especial era dirigido por Walter Avancini, um craque, tinha Oduvaldo Vianna Filho ajudando Gilberto e era protagonizado por Glória Menezes, uma das estrelas da emissora. Não era um show de Frank Sinatra, mas também não era qualquer coisa. Os caciques da Globo aprovaram a ideia, o que acabou dando um novo status à estreia de Gilberto naquele final de 1972.

O jornal *Última Hora* entendeu claramente o que estava em jogo. Em matéria de página inteira, anunciou, no próprio dia 27 de dezembro, data da estreia: “Uma dama contra Chacrinha”. O primeiro programa escrito por Gilberto Tumscitz ganhou um protagonismo que, possivelmente, não teria conseguido em outra situação. E ele foi apresentado ao grande público como o jovem autor escalado pela direção da Globo para enfrentar o indomável Chacrinha. Nem Gilberto nem ninguém sabia, naquele momento, que a sua missão era muito maior. Ele estava prestes a começar um novo capítulo na história da teledramaturgia brasileira.

*A Dama das Camélias* foi um sucesso de crítica e audiência. “Um dos melhores espetáculos do ano na TV brasileira”, escreveu Artur da Távola, um dos principais críticos da época. Satisfeito com o dinheiro embolsado e envaidecido com os muitos elogios recebidos, Gilberto Tumscitz escreveu outros quatro casos especiais nos catorze meses seguintes. Nem todos agradaram tanto quanto o primeiro, mas mostraram que o crítico de teatro do *Globo* levava muito jeito para a coisa. Em fevereiro de 1974, Gilberto foi convocado por Daniel Filho para escrever a próxima novela das sete da emissora. “Que maluquice é essa? Nunca escrevi uma novela! Não saberia escrever”, reagiu. “Não! Não! Eu conheço. Você pode escrever uma novela”, respondeu o executivo.

Na verdade, por mais que enxergasse o potencial de Gilberto, Daniel manteve os pés no chão. Lauro César Muniz, já então um experiente autor de novelas, ficaria ao lado de Gilberto na redação dos primeiros vinte capítulos de *Corrida do ouro*. Em seguida, Lauro sairia para escrever uma novela das oito e Gilberto seguiria sozinho como o autor da trama das sete. O batismo do novo autor se completou em 11 de junho de 1974, quando Gilberto anunciou que passaria a adotar um nome artístico.

A vinte dias da estreia da novela, uma nota no *Globo* informou: “De tanto ver seu sobrenome escrito ou falado errado, Gilberto Tumschitz, um dos autores de *Corrida do ouro*, passa a assinar-se Gilberto Braga nos seus trabalhos para a televisão. Há muito o jovem autor pensava fazer isso, mas só tomou coragem quando, na festa de entrega do Molière, o apresentador Miele referiu-se a ele como Gilberto Tumix, ao citar os integrantes do júri.” Desde que começou a aparecer como autor de casos especiais, Gilberto vinha sofrendo com as menções erradas ao seu sobrenome. Uma vez a *Última Hora* o chamou de “Gilberto Tundsdtitz” e o *Jornal do Brasil* de “Gilberto Tumschitz”. Ronaldo Bôscoli se referiu a ele como “Gilberto Tucumictz” e ainda perguntou: “Será assim?” Mas nada doeu tanto quanto aparecer pela primeira vez na vida na coluna de Ibrahim Sued, um velho sonho, sendo chamado de “Gilberto Tumatz”.



PRIMEIRA FASE

GILBERTO  
TUMSCITZ

# 1. TRAGÉDIA EM SANTO CRISTO

Rosa Quarterolo foi o que se convencionou chamar de uma mulher à frente de seu tempo. Muito à frente. Nascida por volta de 1900, não respeitou as convenções de sua época nem as recomendações do pai, o sapateiro Francisco Quarterolo, que vendia sapatos usados nas ruas e sabia da importância de um bom casamento para o futuro da família. Ainda menor de idade, Rosa casou-se com um homem cujo nome se perdeu na memória. Dessa união, que não durou muito tempo, resultou um filho, Valdemar Machado da Silva, conhecido pelo apelido de Giguidim. Entre outros encontros ocasionais que teve, Rosa também se envolveu com um certo Floriano Peixoto. Esse homônimo do segundo presidente do Brasil se jactava de ter sido o inventor do sistema de transporte em forma de lotação no Rio de Janeiro. Dessa relação nasceu Durval, em 1919. Floriano, até onde se sabe, não assumiu as suas responsabilidades, deixando a mãe com duas crianças, uma delas sem o reconhecimento do pai.

Não tardou até que Rosa conhecesse Raul Tumscitz, marítimo de profissão, trabalhador no cais do porto do Rio. Generoso e de bom coração, ao se casar com Rosa acolheu Durval como um filho, amenizando em parte o trauma que o rapaz carregaria de ter pai desconhecido na certidão de nascimento. Valdemar também foi recebido por Raul, mas manteve o sobrenome do pai, que o reconheceu. Já adulto e escrivão de polícia, Durval Tumscitz contaria que recebeu, na delegacia onde trabalhava, a visita de Floriano, disposto a assumir o papel de pai, mas o repeliu com veemência. “Meu pai é Raul! Você rejeitou minha mãe. Não quero saber de você!” Ao longo da vida, Durval manteve um bom relacionamento com o meio-irmão Valdemar, que se casou e teve três filhos.

Rosa e Raul foram felizes por 25 anos, aproximadamente. Além de Durval, tiveram dois filhos, Darcy e Valdir. Nos dez anos derradeiros moraram numa casa na rua Nabuco de Freitas, no bairro portuário de

Santo Cristo, próximo da Gamboa. Foi nesse endereço que, na manhã do dia 2 de outubro de 1945, deu-se a tragédia. Raul assassinou Rosa.

Muito do que se sabe sobre esse crime está nas páginas dos jornais. O vespertino *A Noite* foi o primeiro a noticiar o caso, ainda no dia 2, em sua última edição. Na parte inferior da primeira página, no canto direito, há a foto de uma mulher, um pouco maior que um retrato 3×4, com a legenda: “Rosa Tumscitz, a vítima”. Nessa imagem, Rosinha, como era chamada, se mostra uma mulher de traços fortes e atraentes. Lábios grossos, olhos bem abertos, o cabelo preto puxado para trás, usando um colar e exibindo as rendas superiores do que parece ser um vestido preto. Era uma mulher bonita. O título da notícia na primeira página era só um adjetivo, com as letras em maiúsculas: “DRAMÁTICO”. E trazia um aperiitivo do que o leitor encontraria na página 10: “Transfixiou à bala o crânio da esposa — O drama lancinante desta manhã na rua Nabuco de Freitas.”

A notícia ocupa quase toda a primeira coluna da página 10. Diz que o crime ocorreu “nas primeiras horas da manhã” daquele mesmo dia, cometido por “um doente mental”, que vivia “numa modesta vivenda” na rua Nabuco de Freitas, 106. Raul é apresentado como um estivador aposentado de 60 anos. Rosa tinha 43. A matéria cita também a idade dos filhos menores, Darcy e Valdir, de 10 e 8 anos, respectivamente, e registra que o primogênito, Durval, é escrivão de polícia. Raul entregou-se à polícia ainda no dia do crime.

Segundo o relato de *A Noite*, os problemas de saúde do marítimo já eram conhecidos havia bastante tempo: “O estivador Raul Tumscitz adoecera, há cerca de dois anos passados, manifestando forte desequilíbrio mental. Foi por isso aposentado e sujeitara-se ao tratamento indicado.” Mas, diz a reportagem, alternava esse estado com “longos períodos de lucidez”. Por isso, “ninguém poderia supô-lo de um desatino violento, muito menos de um homicídio”.

O jornal descreve, então, a sucessão dos acontecimentos naquela manhã. Raul e Rosa acordaram cedo. Darcy e Valdir foram brincar na rua, enquanto Rosa, como fazia habitualmente, foi às compras. Pouco tempo depois, Raul mandou chamá-la. “Não se sabe o que se passou entre ambos. Foram logo ouvidos estampidos de tiros de revólver e gritos lancinantes da senhora.” Rosa morreu imediatamente, antes de rece-

ber qualquer socorro. Raul fugiu. O jornal registra também a chegada de Durval no local do crime e suas palavras ao ver a mãe morta: “Que horror! Mas meu pai não teve culpa. Era um irresponsável, coitado!”

Ainda no dia 2, o vespertino *O Globo* também noticia o caso em sua segunda edição, no alto da segunda página, com algumas variações em relação ao jornal concorrente: “Encostou o revólver junto ao coração da esposa e atirou.” Relata que o crime ocorreu por volta das 9 horas da manhã e, embora traga menos detalhes que *A Noite*, informa: “O casal até pouco tempo viveu feliz. Em maio, porém, Raul começou a apresentar alguns sintomas de alienação mental. Um dos filhos ainda tentou interná-lo numa casa de saúde, só não o fazendo em virtude de dona Rosa haver se oposto.”

No dia seguinte, o *Diário de Notícias* apresentava uma versão diferente do crime já em seu título. “Matou a esposa a marteladas e alvejou o cadáver com dois tiros de revólver.” Com base em relatos de vizinhos, o jornal registra: “Atacado de enfermidade mental, o infeliz homem, por vezes, tinha acessos de franca loucura, provocando a intervenção dos vizinhos para acalmá-lo. A principal vítima de tais exaltações era sua esposa, pois a mania que o dominava era de ser traído por ela, a despeito da sua absoluta honestidade.” Descreve o jornal:

Regressando ao lar, a esposa de Raul sentou-se em uma cadeira na sala de refeições e foi inopinadamente agredida por ele, com um martelo. Dois ferimentos profundos lhe foram feitos na cabeça, fraturando o crânio. Banhada em sangue, a inditosa senhora morreu para cair logo entre as duas salas do prédio e faleceu quase instantaneamente. Depois da esposa morta, Raul ainda tirou do bolso da calça um revólver e fez dois disparos contra o cadáver, atingindo-o no rosto e no coração.

Entre os familiares, a versão que Raul teria apresentado para o crime difere muito das que os jornais publicaram nos dias seguintes. Contava-se na casa dos Tumscitz que, assim que os problemas de saúde do marítimo começaram a se manifestar, ele deu para ter pavor de comunistas. Um dia começou a dizer que comunistas estavam se encontrando no sótão de sua casa. Depois, comprou um re-


vólver sob a justificativa de que precisava da arma para se defender deles. Até que, um dia, cismou que a esposa, Rosa, havia se unido aos supostos esquerdistas e a matou com um tiro na testa. Segundo contava Durval, ao se entregar na delegacia, o padrasto disse: “Matei minha mulher porque ela se aliou aos comunistas.”

Tudo indica que Raul Tumscitz fosse esquizofrênico. Constatada uma enfermidade mental, a Justiça decretou a sua internação no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Heitor Carrilho, o chamado Manicômio Judiciário, que era parte do antigo Complexo Penitenciário Frei Caneca, localizado no Estácio. Ficou internado por quase trinta anos, até morrer.

Gilberto Tumscitz nasceu em 1º de novembro de 1945, exatos 31 dias depois do assassinato da avó pelo padrasto de seu pai. Na certidão de nascimento, por opção dos pais, Durval Tumscitz e Yedda Braga, consta apenas o sobrenome do ramo paterno, de origem polonesa ou austríaca. Centenas de vezes Gilberto foi questionado sobre sua origem europeia e sempre respondeu dando voltas, para evitar entrar em detalhes sobre a tragédia familiar. Sabendo que não carregava os genes de Raul Tumscitz, Gilberto achava engraçado quem enxergava traços judaicos na sua aparência. “Só se os Pereira Braga [*o ramo materno da família*] foram cristãos-novos”, dizia. O filólogo Paulo Rónai, que foi professor de latim e francês no Colégio Pedro II, onde Gilberto estudou, disse a ele que o sobrenome tinha, de fato, origem austríaca, mas não era judaico. “De qualquer modo, eu não tenho o sangue Tumscitz.”

Em mais de uma ocasião, “à vista de gente burra metida a besta”, Gilberto diz que inventou explicações sobre a sua inexistente “origem austríaca”. Para fugir do assunto, dizia: “Muito longínqua! Veio se mantendo por linha materna.” E achava graça quando ouvia de volta: “Mas você tem mesmo um tipo austríaco.” Até mesmo na Áustria diz ter ouvido observações desse tipo. Somente muitos anos depois, já famoso, em 2008, Gilberto perdeu o constrangimento de falar sobre as origens do pai: “O pai do meu pai, parece, foi o que os americanos chamam de *one night stand*, um *ficante*. E o *ficante* se mandou”, disse. “As coisas foram evoluindo e hoje ninguém mais tem vergonha de dizer que o pai era bastardo. Passei a falar isso e me senti melhor.”

Já a triste história de Rosa sempre se manteve restrita aos familiares e às pessoas íntimas. Nas inúmeras entrevistas e depoimentos que deu ao longo dos anos, Gilberto até falou da avó paterna (“era muito dada”), mas não dizia nada sobre o crime. Este sempre foi um drama de família, guardado em casa. Em 2011, observou: “Eu só faria uma biografia se fosse para dizer a verdade. E a verdade é impúblicável porque machuca as pessoas.” Mudou de ideia em 2019, ao se reunir com Artur Xexéo para dar início a este livro — uma das primeiras histórias que contou, para espanto de seu primeiro biógrafo, foi justamente essa.

 quase trinta anos depois da tragédia em Santo Cristo, Gilberto daria início a uma brilhante carreira como autor de novelas. A sua trajetória na Globo foi marcada pela criação de algumas das personagens femininas mais célebres da história da teledramaturgia brasileira. Buscou inspiração em figuras familiares, em amigas, em mulheres que conheceu socialmente, em casos que ouviu e, claro, na própria imaginação, sempre fervilhante. Apesar de pouco ter falado a respeito, Rosa foi, com certeza, a primeira protagonista de um enredo que o marcou profundamente.

Essa foi uma história que abalou o seu pai e, como veremos, teve muito impacto em sua vida familiar. Com o tempo, porém, Gilberto passou a enxergar um caráter novelesco na tragédia. De certa forma, via a avó paterna que nunca conheceu como uma heroína de um romance do século XIX. No início da década de 1970, voltando do *Globo*, onde atuava como crítico de teatro, Gilberto ouviu no rádio do táxi que havia ocorrido uma fuga de presos do presídio Frei Caneca. O locutor que estava dando a notícia informou: “Inclusive, entre os fugitivos, encontra-se o perigoso delinquente Raul Tomacita [sic].” Assustado, Gilberto pensou: “Meu Deus! Vovô!” Com a mente a mil, imaginando inúmeros desdobramentos possíveis, chegou em casa elétrico. Afinal, era o único Tumscitz com número registrado no catálogo de telefones no Rio. “Ele vai me telefonar”, pensou. Posteriormente, soube que Raul não chegou a andar uma quadra no Estácio. Foi capturado e levado de volta para o manicômio. “Fiquei apavorado. Achei que ele ia me procurar”, contava Gilberto.

## 2. UM BAMBÁ DE VILA ISABEL

Octavio e Ester Braga, os avós maternos de Gilberto, eram ambos filhos de comerciantes portugueses. O pai de Octavio, Henrique Pereira Braga, era dono de uma papelaria em Laranjeiras. Já o pai de Ester, Miguel Mauricio Costa Bastos, manteve por muitos anos a bem-sucedida Sapataria Bastos, no Centro do Rio de Janeiro. Os Braga e os Bastos se davam tão bem que houve dois casamentos entre eles. O primeiro foi de uma irmã de Octavio chamada Carmem com um irmão de Ester chamado Horácio. Octavio e Ester se casaram em 1923 e tiveram três filhos. Yedda, a mãe de Gilberto, nasceu em 4 de março de 1924. No ano seguinte veio Darcy e, em 1928, Gilda. Tanto os avós quanto os dois tios terão bastante importância na infância e juventude de Gilberto, em especial Gildoça, como era conhecida, que foi sua madrinha.

Durval Tumscitz e Yedda Braga se conheceram no América, no início da década de 1940. Fundado em 1904, no processo de popularização do futebol no Rio, o clube se tornou uma das forças do esporte e, não menos importante, um ponto de referência na vida dos moradores da região da Tijuca, onde ficava a sede social e o estádio. Nascido em 22 de janeiro de 1919, Durval era cinco anos mais velho que Yedda. Apaixonado por futebol, chegou a jogar no time amador do América. Ela jogava vôlei no clube.

Ambos contavam uma história parecida sobre como o romance começou. Assim que terminava o treino de futebol, no campo, Durval ia com os amigos ao ginásio, assistir ao treino de vôlei das meninas. O interesse maior dos rapazes, claro, não era o jogo. As pernas da levantadora Yedda, então com 16 anos, chamaram a atenção do futebolista, já com 21. Assim que terminava o treino de vôlei, todos deixavam o clube, na rua Campos Salles, e iam tomar sorvete ali do lado, na Praça Afonso Pena. Conversa vai, conversa vem, Durval e Yedda começaram a namorar. Desses primeiros tempos juntos, há registros fotográficos do casal dançando no salão de festas do América.

Ainda que tanto os Tumscitz quanto os Braga tivessem uma situação remediada, havia uma diferença social entre as duas famílias, visível já na época do namoro entre os dois. A de Durval, mais simples, morava na Zona Portuária e vivia basicamente com a pensão recebida por Raul, já que Rosinha não trabalhava, e contava com alguma ajuda dada por Durval. Era um dinheiro que garantia as despesas caseiras com os dois filhos menores (Darcy e Valdir). Já a família de Yedda, com muitos tios e primos, era de classe média. É verdade que seu pai, Octavio, não tinha uma profissão, mas estava sempre fazendo bicos, aqui e ali. Era considerado um tipo fanfarrão, mas se virava. Em alguns períodos, Ester ajudou nas contas do lar costurando para fora. Já Gilda trabalhava como caixa na sapataria do avô. E Darcy “Grande”, como era chamado, para não confundir com o irmão menor de Durval, trabalhava numa seguradora; após alguns anos, ele fez concurso para a polícia e, posteriormente, virou delegado.

O romance de Durval e Yedda durou cerca de quatro anos. Nesse período, a filha do seu Braga conviveu bastante com a família do namorado, em especial com a futura sogra, Rosinha. Yedda se formou técnica em contabilidade e insistiu muito para que Durval tivesse uma profissão que garantisse algum futuro para os dois. Até então, ele exercia algumas funções mal remuneradas que não exigiam maior formação, como a de servente. Por pressão de Yedda, Durval se convenceu a estudar para um concurso da polícia, quando então conseguiu um emprego mais estável, como escrivão.

Durval e Yedda se casaram em 28 de junho de 1944, na igreja Santa Teresinha, na rua Mariz e Barros, na Tijuca. A situação econômica deles ainda não permitia voos muito altos. Por isso, Octavio e Ester Braga se prontificaram a transformar um dos quartos da casa onde moravam, na rua Souza Franco, em Vila Isabel, na Zona Norte, em residência do casal. Darcy e Gilda, os irmãos mais jovens de Yedda, ainda viviam com os pais. Era uma boa casa, mas que ficou apertada no final do ano seguinte, assim que chegou a notícia da morte de Rosa e da prisão de Raul Tumscitz. Solidária, dona Ester foi imediatamente até Santo Cristo e levou para Vila Isabel as crianças Darcy e Valdir, além de Zulmira, a Bá, uma moça pobre, negra, que Rosa havia aco-



lhido e se tornara um misto de babá e agregada familiar. Um mês depois dessa movimentação, nasceu Gilberto Tumscitz.

Em 1945 ainda era muito comum a realização de partos em casa. A curiosidade em relação ao nascimento de Gilberto, naquele 1º de novembro, é que o médico chamado para assistir Yedda estava mais interessado no quintal da casa do que no quarto, onde a mãe sentia as dores do parto. Nas lembranças dos familiares, mais de uma vez, ao ser procurado, o doutor foi encontrado observando a movimentação dos coelhinhos que viviam na área livre da casa. A chegada do primeiro neto dos Braga foi uma alegria só, mas logo a família se deu conta das dificuldades envolvidas na superlotação do ambiente. Gilberto, como qualquer bebê, exigia inúmeros cuidados. Para complicar, havia apenas um banheiro e um chuveiro dentro da residência, o que provocava filas nos horários de pico.

A situação só se resolveu no início de 1947, quando os Tumscitz se mudaram para uma casa na rua Gonçalves Crespo, no bairro vizinho da Tijuca. Tendo deixado a residência dos avós com menos de 2 anos de vida, Gilberto, naturalmente, não guardou nenhuma recordação dos tempos em Vila Isabel. “Só sei o que me contaram. Que eu gostava de ver os cabritos no fim da rua”, dizia, referindo-se ao pé do Morro dos Macacos, onde hoje há uma favela. Já adulto e famoso, Gilberto passou a falar com orgulho que havia nascido em Vila Isabel. Como se sabe, o bairro foi um dos primeiros da cidade a ser projetado, na segunda metade do século XIX, e se tornou um grande reduto do samba carioca. De Noel Rosa a Martinho da Vila, a lista dos bambas que nasceram ou viveram no bairro é enorme e estelar. Os motivos para se orgulhar são muitos. Como cantou Noel no célebre samba “Feitiço da Vila”: “Eu sei tudo o que faço/ Sei por onde passo/ Paixão não me aniquila/ Mas tenho que dizer/ Modéstia à parte/ Meus senhores, eu sou da Vila.” Para todos os efeitos, Gilberto também era da Vila.

### 3. LIÇÕES PARA A VIDA NUM “POEIRA” DA TIJUCA

Quem mais sofreu com a mudança dos Tumscitz para a nova casa, na Tijuca, em 1947, foi a avó Ester, que se afeiçoara demais a Gilberto. No registro dos que assistiram à cena da família deixando a residência dos Braga em Vila Isabel, permaneceu a imagem daquela senhora enxugando as lágrimas ao ver o neto ir embora. Para sua sorte, eles se mudaram para um bairro vizinho e Ester não teve dificuldades de quase diariamente visitar — e mimar com agrados variados — o menino, então com 2, 3 anos de idade. Em pouco tempo, porém, a casa ganhou dois novos moradores: Rosa Maria, batizada em homenagem à avó paterna, nasceu em 1948; e Ronaldo, em 1950. Mas, apesar de a concorrência ter aumentado, Gilberto não perdeu o status de neto preferido de Ester, a quem ele chamava de “Vosica”.

A casa na Gonçalves Crespo significou um conforto maior para Yedda e Durval, mas também um aumento de despesas e de trabalho. A residência era grande, com jardim na lateral e na frente, além de um quintal, com mangueira e galinheiro. Contava com uma sala de visita, uma de jantar e três quartos: o do casal, um para Valdir e Darcy e um para as três crianças pequenas. Era vizinha da casa dos Monteiro de Barros, uma tradicional família carioca, e próxima do casarão onde ficava a concentração dos jogadores do América. A sede social e o campo do clube ficavam na rua Campos Salles, uma transversal da Gonçalves Crespo. Yedda logo se tornou muito amiga de Matilda, a Tida, filha do seu Monteiro.

No início da década de 1950, Octavio, Ester e a filha Gilda trocaram a casa em Vila Isabel por uma em Ramos, também na Zona Norte do Rio (Darcy já havia se casado e estava morando em um bairro vizinho, Olaria). Apesar de a distância ter aumentado, a avó e o neto continuaram muito ligados. Sempre que indagado sobre suas lem-

branças mais antigas, Gilberto citava as curtas temporadas passadas na casa dos avós e da madrinha, Gildoca. Foi em Ramos, levado pela avó, que Gilberto pisou num cinema pela primeira vez. Numa época em que a então Guanabara, incluindo a zona suburbana, era muito bem servida por cinemas de rua, Ramos tinha o Cine Rosário, com 1.442 lugares, o Mauá e o Rio Palace. Quando alguém insistia sobre qual era a sua lembrança mais antiga, Gilberto sempre respondia: “É do cinema. De filmes da Esther Williams que eu via com a minha avó.”

Não surpreende que Ester fosse uma entre os milhões de fãs da xará Esther Williams, a bonita nadadora, nascida em 1921, que se tornou atriz e protagonizou uma série de adocicados “musicais aquáticos” em Hollywood, entre as décadas de 1940 e 1950. Gilberto não sabia dizer que filme de Esther Williams viu na sua primeira ida ao cinema, um sinal de que a experiência foi mais marcante pelo ritual em si do que pelas piruetas da atriz na piscina. A julgar pela preferência da avó e pelo período, é possível arriscar que a estreia de Gilberto na sala escura tenha sido para ver a estrela nadando em *A sereia e o sabido* (1951), *A rainha do mar* (1952), *Eva na Marinha* (1952) ou *Salve a campeã* (1953), produções exibidas nos cinemas brasileiros naqueles primeiros anos da década de 1950.

Gilberto teve inúmeros interesses na infância, mas nenhum comparável à paixão que desenvolveu pelo cinema. Por sorte, sua família se estabeleceu no bairro com a maior concentração de cinemas no Rio naquela época. Da rua Gonçalves Crespo à Praça Saens Peña, apelidada de “Cinelândia Tijuca”, era uma caminhada de vinte minutos. Quando Gilberto começou a frequentar a praça, a oferta incluía o Olinda, o maior da cidade, com capacidade para 3,5 mil espectadores, o Metro Tijuca, o mais confortável, com ar-condicionado e projeção de qualidade, o Carioca, cuja fachada *art déco* permanece de pé até hoje, e o América, o mais antigo, inaugurado em 1918. Ir ao cinema na praça era um programa dos finais de semana dos Tumschitz — Durval, Yedda e os três filhos. Mas Gilberto não se contentava com isso.

No bairro existiam os chamados “poeiras”. Como sugere o apelido, eram salas menores, desconfortáveis, com piso frio, cadeiras de madeira e sem ar-condicionado. Em São Paulo, cinemas com essas características eram conhecidos como “pulgueiros”. Cobravam

ingresso muito mais barato que os cinemas principais, mas raramente exibiam alguma estreia. Para os adolescentes, o que ainda não era o caso de Gilberto, nos “poeiras”, ou “poeirinhas”, era maior a chance de conseguir entrar nos filmes proibidos para menores de 18 anos — havia menos fiscalização.

O “poeira” que marcou a infância de Gilberto foi o Cine Bandeira, na rua Mariz e Barros, a cinco minutos de caminhada da sua casa. O Bandeirinha, como era chamado, exibia três filmes diferentes por semana: um na segunda e na terça, outro na quarta e na quinta e um terceiro entre sexta e domingo. Inaugurado na década de 1930, oferecia 685 lugares. Em 1954, com 9 anos, o cinéfilo precoce ainda não ia sozinho ao cinema, mas arrastava as figuras que o cercavam — a mãe, a babá Zulmira, a avó e a madrinha, Gildoça. Outro recurso era esperar um adulto chegar ao cinema e pedir para entrar acompanhado. “Eu era cinéfilo desde garoto”, contou mais de uma vez. “Gilberto via em cinema”, confirma a irmã Rosa.

Gilberto assegura que via todos os filmes que o Bandeirinha exibía semanalmente. Guardou na memória a primeira experiência de assistir a uma produção seriada, *Flash Gordon*, exibido na tela grande em treze episódios. Dizia ter conhecido as chanchadas da Atlântida nesse período. Também lembrava, especificamente, de *A canção inesquecível (Night and Day)*, uma cinebiografia de Cole Porter protagonizada por Cary Grant, lançada originalmente em 1946 e exibida pelo Bandeirinha em setembro de 1954. Naquele mês, o eclético “poeira” tijucano também exibiu o musical *A rainha do mar (1952)*, com Esther Williams e Victor Mature; o drama romântico *A história de três amores (1953)*, de Vincente Minnelli, com Kirk Douglas, James Mason, Leslie Caron, Zsa Zsa Gabor; o drama *Meu filho, minha vida (1953)*, de Robert Wise, com Jane Wyman e Sterling Hayden; a chanchada *Nem Sansão nem Dalila (1954)*, de Carlos Manga, com Oscari-to; o western *Fronteiras da morte (1951)*, com Rod Cameron; e o policial noir *A cidade que não dorme (1953)*, com Gig Young.

O jovem cinéfilo gostava mais de filmes de adultos do que de caubóis e outras coisas mais apropriadas a uma criança. Em casa, imitava Fred Astaire dançando. Artur Xexéo teve o cuidado de analisar a programação do Bandeirinha entre janeiro de 1954 e julho de 1955. Acre-

ditando que Gilberto tenha visto um ou dois filmes por semana nesse período, é possível dizer que fez um curso inicial sobre uma época marcante do cinema americano. Conheceu a nata do *star system* de Hollywood muitas vezes protagonizando longas-metragens esquecíveis, mas também viu obras que se tornaram lendárias. Teve, ainda, uma primeira aula sobre gêneros e subgêneros cinematográficos: viu filmes de guerra, westerns, musicais, policiais, *noir*, filmes de pirata, comédias românticas, dramas, romances e comédias brasileiras.

“Tudo que eu sei aprendi no cinema”, Gilberto chegou a dizer, com algum exagero. A sua experiência de vida, até certa idade, parece estar fundada mais no que via nas telas do que na vida real, propriamente. Ele mesmo evocou, a título de comparação, a garçonece Cecília, personagem vivida por Mía Farrow em *A rosa púrpura do Cairo*, filme clássico de Woody Allen. Cecília assistia a seguidas sessões de seus filmes preferidos para pensar menos na triste realidade que vivia em companhia do marido bêbado e violento, na Nova Jersey dos anos 1930. “Minha mãe falando ao telefone, se queixando que o marido tinha amantes. A TV ligada ao fundo, aquele som me irritava. Sou a própria Cecília. As pessoas [*nos filmes*] dizem coisas bonitas, as roupas são bonitas”, dizia Gilberto.

Essa paixão precoce pelo cinema talvez explique, ou compense, o desinteresse que tinha por esportes, em especial o futebol. Nunca demonstrou qualquer prazer com a bola nos pés. Até praticou natação no América e chegou a representar o clube em competições contra o Tijuca, nadando peito. Não era, porém, um grande talento e ia mais pela farrá. O que realmente se tornou motivo de enorme frustração para o pai era o pouco caso que Gilberto demonstrava pelo futebol. “Não entendo como onze homens correm atrás de uma bola”, dizia, para irritação de Durval. Também o tio Darcy, irmão de Yedda, não se conformava com o fato de o sobrinho ignorar as bolas de futebol que lhe dava de presente. Só o irmão mais novo de Gilberto, Ronaldo, alguns anos depois, deu essa alegria ao pai e ao tio. O caçula de Durval levou a sério o esporte e chegou a pensar em ser jogador de futebol.

O América era incontornável para quem vivia na rua Gonçalves Crespo no início da década de 1950. A dezenas de metros da residência dos Tumscitz, chegava-se ao campo e à sede social. Não era um

clube sofisticado, mas oferecia o essencial para os moradores do entorno: ginásio de esportes para vôlei e basquete, um belo campo de futebol, piscina (com aulas de natação), salão de festas e tudo o mais. Como se recorda o jornalista José Trajano, que vivia na rua Afonso Pena, nesse mesmo pedaço da Tijuca os sócios do América se orgulhavam de ter inventado um esporte no clube, a peteca americana, um misto de vôlei e futebol: se a peteca entrasse no gol, valia cinco pontos; se caísse no chão, um ponto. Aos domingos, havia sessão de cinema e, para alegria da juventude americana, que lotava a sala, antes da sessão costumava passar o seriado *Flash Gordon*.

Apesar de não ser fã de futebol, Gilberto sempre adorou dizer que era torcedor do América. Com o tempo, passou a integrar uma lista não muito grande, aliás, bem seleta, de americanos famosos. Em 1997, chegou a ser homenageado pelo clube, junto com o escritor Arnaldo Niskier, outro torcedor ilustre. Em 2006, Gilberto receberia em casa a equipe que estava produzindo o documentário *Paixão rubra*. “Baile de Carnaval é uma coisa que me marcou muito. Infância, né?”, diz, enquanto o filme exhibe uma foto do pequeno Gilberto fantasiado de índio em um baile. “A reação das pessoas é de espanto [ao saber que sou América] porque acham que não combina. Primeiro, porque não devo ter cara nenhuma de gostar de futebol. Segundo, não tenho muito cara de Zona Norte. Eu fui criado na Zona Sul. Eu devo ter uma cara de quem é Fluminense ou Botafogo, times com os quais não simpatizo nem um pouco.” O diretor do filme, Marcelo Migliaccio, pergunta a Gilberto o que ele acha do debate que ocorria então sobre a troca do símbolo do América, um diabo, por algo mais inocente. “Eu acho o diabo um símbolo simpático pra caramba, foi usado em tantas coisas interessantes, *Fausto*, do Goethe”, responde.

Outro tema importante do documentário é o hino do clube, composto por Lamartine Babo. Lalá, como era conhecido, criou em 1949 hinos para os onze participantes do Campeonato Carioca daquele ano — e que até hoje são cantados pelos torcedores. Todo mundo concorda que o hino mais bonito é o do América, justamente o time do coração de Lamartine. No filme, Gilberto abre um enorme sorriso ao lembrar que o início do hino é um plágio da canção “Row Row Row”, de William Jerome e Jimmie V. Monaco, de 1912. “And then he’d row, row, row,/

Way up the river he would row, row, row”, cantarola Gilberto no filme. Para sorte de sua querida tia Gildoca, ele não contou a Migliaccio uma historietta que adorava repetir. Dizia que, voltando certa vez de uma viagem aos Estados Unidos, Gilda revelou ao sobrinho, em tom de denúncia: “Imagina que eu estava assistindo a um musical na Broadway e ouvi uma música que é plágio do hino do América!”

A paixão pelo cinema e o desinteresse pelo futebol, combinados, poderiam ter sido a senha para diferentes tipos de problema com os colegas de escola. Gilberto, contudo, assegura que nunca sofreu *bullying* no Instituto de Educação, onde fez os quatro anos do curso primário, entre 1952 e 1955. Foi colega de classe de Cesar Maia, que depois fez carreira política e foi prefeito do Rio, mas não eram amigos. “Ele era um aluno disciplinado, destacado e interessado por arte, enquanto meu interesse era esporte”, relembra Maia. “Lembro dele ser o primeiro da turma”, devolve Gilberto. A jornalista Alice-Maria, que por muitos anos dirigiu telejornais da Globo, também foi colega de sala. Mas apenas por um breve período, quando Gilberto trocou o turno vespertino pelo matinal. Sempre estudou de tarde. Não gostava de acordar cedo.

Um de seus melhores amigos no primário era, assim como ele, apaixonado por cinema. Com Marcos Duprat, que se tornou diplomata e artista plástico, Gilberto duelava no recreio sobre conhecimentos cinematográficos. Uma vez o debate foi sobre quais eram as melhores atrizes de Hollywood. Sem pensar muito, Gilberto citou os nomes mais óbvios, como Elizabeth Taylor e Grace Kelly. Duprat respondeu que também gostava delas, mas disse que sua preferida era Arlene Dahl. Gilberto jamais se esqueceu da derrota: “Me senti humilhadíssimo porque nunca tinha ouvido falar de Arlene Dahl. Aliás, pouca gente tinha ouvido falar.” Mas não guardou ressentimento. Mais de três décadas depois, Gilberto recorreu ao sobrenome do amigo para batizar a jornalista Solange Duprat, uma das personagens mais queridas de *Vale tudo* (1988), vivida por Lídia Brondi.

Como o Instituto de Educação era um curso considerado modelo, alunas do último ano da Escola Normal, as chamadas professorandas, assistiam às aulas no fundo da sala, a título de estágio. Foi um curso primário muito bom, muito sólido. “As minhas professoras de primário foram craques mesmo. Deve ter sido o único curso que eu

fiz assim com seriedade”, contou Gilberto. Já nesses anos iniciais da escola, os seus gostos se delinearam. Gostava de português e odiava exercícios numéricos. Era bom aluno de redação e precisou de um professor particular para não ficar em segunda época em matemática. Tornou-se amigo de uma das professoras, Luci Vereza, que posteriormente foi secretária de Educação do município do Rio. “Embora muito jovem, mulher bonita e carinhosa, ela possuía todas as qualidades que se esperam de uma mestra de mestras”, escreveu Gilberto, em 2012, no Prefácio de um romance escrito pela antiga professora.

Os Tumscitz ainda viveram em outros dois endereços no mesmo pedaço da Tijuca. Por volta de 1953, trocaram a casa na rua Gonçalves Crespo por um apartamento na rua Afonso Pena, mas a experiência durou poucos meses. Acharam apertado, as crianças se sentiam vivendo em uma gaiola. Em seguida, se mudaram para uma casa na rua Pardal Mallet. A configuração daquela família não diferia muito do padrão da época. O pai era o responsável por suprir o lar e a mãe, que não trabalhava fora, cuidava da casa e da rígida educação dos filhos. O jantar diário era o ritual que selava a aparente união familiar.

Em casa, como era comum no início da década de 1950, as principais diversões eram proporcionadas por uma vitrola e um rádio. Durval gostava de tangos e boleros. Ouvia um programa chamado *Salão Grená*, assim batizado em homenagem à valsa que Carlos Galhardo consagrou (“Quero negar que é saudade/ Chamando curiosidade/ O que estou a sentir”). A partir de janeiro de 1951, e até meados de 1952, a família adotou o hábito de se reunir ao redor do aparelho para ouvir, às 20 horas, na Rádio Nacional, a novela *O direito de nascer*, do cubano Félix Caignet, com Paulo Gracindo como Albertinho Limonta. Gilberto chegava correndo do colégio para ouvir a série *As aventuras do anjo*, de Álvaro Aguiar, cujo protagonista era um milionário que combatia o crime, e *Jerônimo, o herói do sertão*, de Moisés Weltman, um western brasileiro, lançado pela Nacional em 1953.

Gilberto dizia ouvir, ainda, *Presídio de mulheres*, que ia ao ar diariamente, na Nacional, num horário em que ele devia estar na escola, das 15 horas às 15h30. A trama era uma adaptação de *Cárcel de mujeres*, uma novela cubana, traduzida, adaptada e dirigida por Mário Lago. Os episódios relatavam histórias de mulheres envolvidas



em dramas domésticos que culminavam sempre em morte ou alguma outra tragédia. *Presídio de mulheres* mostrava que, na realidade, a mulher era uma vítima das circunstâncias. Diante do sucesso, a radionovela lançada em 1951 ficou no ar até 1955. Mário Lago foi fazendo adaptações cada vez mais livres do texto até que decidiu escrever, ele próprio, histórias originais. Durval não gostava que o filho ouvisse essa radionovela. Era um programa para mulheres, dizia. A obra, porém, será sempre citada por Gilberto como uma de suas inspirações para escrever a sinopse de *Dancin' Days* (1978). Por coincidência, coube a Mário Lago viver o memorável papel de Alberico nessa que é uma das novelas mais importantes da carreira de Gilberto.

Após se tornar um conhecido autor de novelas, Gilberto foi frequentemente questionado sobre o impacto que a televisão teve em sua infância e juventude. E a resposta, com a sinceridade habitual, chocava um pouco. “Não teve muita importância na minha vida”, ele disse mais de uma vez. A verdade é que, com uma agenda tomada por atividades na escola, cursos de inglês e francês e idas ao cinema, não sobrava tempo nenhum, praticamente, para ver televisão. O primeiro aparelho foi comprado por Durval em 1956, quando já moravam em Copacabana. Mas não pegou Gilberto. Convocado a se lembrar do que gostava de ver ainda na década de 1950, citava o *Teatro de Comédias da Imperatriz das Sedas*, exibido na TV Tupi, aos sábados. Dizia que preferia esse programa, com pegada mais popular, ao sofisticado *Grande Teatro Tupi*, feito por Sergio Britto, Fernanda Montenegro e outros grandes nomes do teatro brasileiro.

Mesmo depois, nos anos 1960, continuou a ignorar a programação. “Televisão, para mim, era um negócio assim meio assustador que tinha na minha casa. A minha mãe viúva ficava vendo com o meu avô velhinho e aquele barulho me irritava um pouco”, contou. Já sendo um autor de novelas, no início da década de 1970 Gilberto ainda mantinha alguma distância do aparelho de televisão. Chegou a dizer que se incomodava demais com o hábito de alguém entrar em casa ou no quarto e ligar o aparelho.

Ao lado da formação escolar, outra preocupação de Yedda era com a cultura das crianças. A paixão de Gilberto pelo cinema, como já vimos, contava com total apoio familiar. Mas não só. Ele foi apre-

sentado ao teatro com apenas 7 anos. Levado pelos pais, assistiu a *O imperador galante*, de Raimundo Magalhães Júnior, com Dulcina de Moraes, Odilon Azevedo e Conchita de Moraes, em 1953, no Teatro Dulcina. Os pais acharam que cabia levar a criança ao teatro pelo caráter educativo do espetáculo, que era vendido como uma “peça histórica”. Dulcina fazia a Marquesa de Santos.

Yedda e Durval adoravam teatro. Por ser escrivão de polícia, o pai de Gilberto se beneficiava do fato de a legislação na época garantir um determinado número de ingressos a algumas corporações, como a de policiais. Bastava a ele passar na Polícia Central na sexta-feira, pegar o chamado “permanente” e ir ao teatro de graça no sábado e no domingo. À mesa do tradicional almoço de domingo, os pais comentavam os espetáculos assistidos, fascinando os filhos, em especial Gilberto e Rosa. O cardápio do almoço dominical incluía, invariavelmente, uma sopa e depois frango, uma comida nobre que não se comia durante a semana. De sobremesa, doces caseiros. Com o passar do tempo, Gilberto passou a odiar sopa, muito possivelmente pela frequência com que tomou na infância os caldos preparados pela mãe.

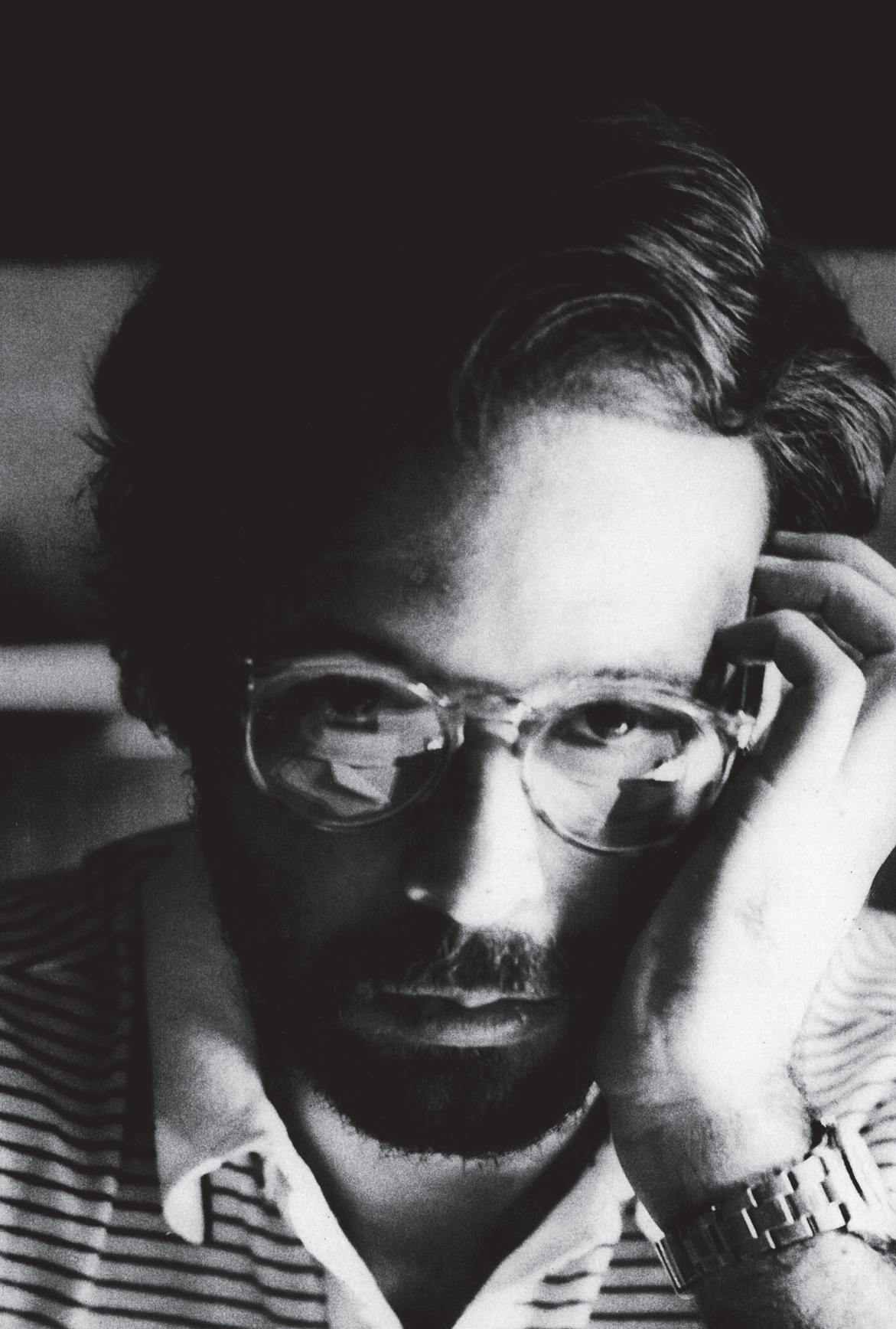
Um programa de domingo clássico dos Tumscitz, que Gilberto e sua irmã Rosa fizeram muitas vezes, era acompanhar o pai em visita ao Manicômio Judiciário, onde Raul passou as últimas décadas de vida internado. Darcy e Valdir também iam. Durval levava alguma fruta ou biscoitos para o pai que o adotara e tentava conversar com ele. Cabisbaixo, olhos azuis tristes, Raul falava pouco nesses encontros. Na sequência, Durval premiava os filhos com uma ida à matine no Metro e à sorveteria. Já Yedda nunca participava desses programas de domingo de manhã. Ficava em casa preparando o almoço com as empregadas. Não raro, recebiam visitas de Octavio e Ester.

Política não era um assunto comum dentro de casa, embora o chefe da família fosse fã de Getulio Vargas e votasse no PTB. Vizinhos de muro, os Monteiro de Barros eram udenistas, mas isso nunca atrapalhou o bom convívio entre as duas famílias, em especial a relação entre Matilda e Yedda. Mas Durval sabia impor limites. E isso ocorreu no dia em que Carlos Lacerda visitou os Monteiro de Barros e eles convidaram os Tumscitz para ouvir o político. “De jeito algum! Você não vai ouvir o Lacerda”, decretou Durval para Yedda.

Na lembrança dos filhos, a ordem familiar era abalada por dois tipos de problema. Yedda e Durval se desentendiam com alguma frequência porque a mulher suspeitava que o marido tivesse amantes. Gilberto guardou na memória as brigas que ouviu, a distância. “Ficava com pena da minha mãe. Ela vivia chorando.” No episódio mais grave, do qual todos os filhos se recordam, Yedda recebeu uma denúncia anônima sobre um caso de Durval com uma amante num apartamento no Catete. Ela foi ao local com uma dupla de policiais e, ao abrir a porta, flagrou a cena de adultério. O casal chegou a falar em desquite, mas a poeira baixou e eles continuaram juntos.

Outras desavenças ocorriam por causa de Darcy e Valdir. Desde a mudança de Vila Isabel, em 1947, a família havia incorporado os irmãos mais novos de Durval, o que acabou criando uma situação doméstica muito complexa, que frequentemente culminava em discussões terríveis. Rosa temia que os bate-bocas entre os pais degenerassem em briga física. Yedda reivindicava mais atenção do marido aos filhos e reclamava do excesso de proteção dele com os dois irmãos. Yedda tinha idade para ser mãe também de Darcy e Valdir, mas o marido não deixava que ela tivesse ascendência sobre eles. “Coitados. Eles perderam o pai e a mãe”, dizia ele. “Você é frouxo, você não tem moral”, ela respondia. “Se fossem teus filhos, você não faria isso”, dizia Durval. “O coração não pode passar a cabeça”, insistia Yedda, frustrada porque o marido não deixava que ela aplicasse algum castigo, sobretudo em Darcy, o mais levado. Da mesma forma, Durval nunca aceitou a sugestão da esposa de que os rapazes deveriam ir para um colégio interno.

Gilberto completou 10 anos em novembro de 1955. Aquele final de ano foi marcado por uma tristeza muito grande, a morte da avó Ester, em consequência de um câncer de mama, com menos de 60 anos de idade. Por outro lado, o menino recebeu uma notícia que o alegrou muito: Durval acatou um antigo desejo de Yedda e concordou com a mudança da família para Copacabana. Como muitos outros tijuquanos que percorreram esse trajeto, Yedda sonhava morar em um apartamento no então badalado bairro da Zona Sul da Capital Federal. Mas, preocupada em primeiro lugar com a educação dos filhos, decretou que a mudança ocorreria nas férias escolares. Assim, em janeiro de 1956, os Tumscitz rumam para Copacabana.



Copyright © 2024 by Artur Xexéo & Maurício Stycer

*Preparação* Elisa Menezes

*Revisão* Eduardo Carneiro e Kathia Ferreira

*Revisão técnica* Nilson Xavier

*Índice onomástico* Treze Cultural

*Design de capa e projeto gráfico* Angelo Bottino

*Foto da p. 2* Carlos Ivan / Agência O Globo

*Foto da p. 4* Fabio Seixo / Agência O Globo

*Todos os esforços foram feitos para rastrear os detentores dos direitos autorais e obter permissão para o uso do material protegido por direitos autorais. O editor pede desculpas por quaisquer erros ou omissões e ficaria grato se notificado de eventuais correções que devam ser incorporadas em futuras reimpressões ou edições deste livro.*

1ª EDIÇÃO Janeiro de 2024

IMPRESSÃO Cromosete

PAPEL DE CAPA Cartão Supremo Alta Alvura 250g/m<sup>2</sup>

PAPEL DE MIOLO Pólen Natural 70g/m<sup>2</sup>

TIPOGRAFIAS LL Prismaset, Neue Kabel & Tiempos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

X29g

Xexéo, Artur, 1951-2021

Gilberto Braga : o Balzac da Globo : vida e obra do autor que revolucionou as novelas brasileiras / Artur Xexéo, Maurício Stycer. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2024.

352 p. ; 23 cm.

Inclui índice

ISBN 978-85-510-0909-3

1. Braga, Gilberto, 1945-2021. 2. Diretores e produtores de televisão - Brasil - Biografia. I. Stycer, Maurício, 1961-. II. Título.

CDD: 791.450233092

CDU: 929:(654.19:791.242071)

23-86863



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439  
27/10/2023 01/11/2023

[2024]

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro – RJ

CEP 22640-904

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

## PRATO CHEIO PARA NOVELEIROS DE PLANTÃO, BIOGRAFIA DO ESCRITOR É TAMBÉM RETRATO DA TV BRASILEIRA

A vida de Gilberto Braga daria uma novela: tragédias familiares, ascensão social, superações na vida profissional e pessoal. Nesta biografia, que conta não apenas a história de um dos maiores escritores de novela do país, mas também da própria teledramaturgia brasileira, Artur Xexéo e Mauricio Stycer mostram como o Balzac da Globo — comparação justificada pelo fato de fazer do dinheiro, da ambição e da vingança os objetos centrais de suas obras — revolucionou os folhetins, trazendo temas importantes e tratados de forma inédita muitas vezes.

Fruto de extensa pesquisa dos autores, o livro narra toda a vida de Gilberto: a infância com a família na Tijuca, a juventude na Zona Sul do Rio de Janeiro, a paixão pelo cinema, os primeiros trabalhos como professor da Aliança Francesa e crítico de teatro do jornal *O Globo*, o convite de Daniel Filho para iniciar a carreira na TV, os primeiros casos especiais, todas as novelas e minisséries escritas por ele e as dificuldades pessoais que enfrentou ao longo das décadas, até seu falecimento, em 2021.

Um trabalho completo, que mostra por que o autor merece estar entre os nomes que mudaram a trajetória das novelas no Brasil.

SAIBA MAIS

<https://intrinseca.com.br/livro/gilberto-braga-o-balzac-da-globo/>